

Hedonismo social na geografia de Élisée Reclus: elementos para pensar uma erótica libertária da solaridade

José Vandério Cirqueira

do Instituto Federal de Goiás - Formosa – GO

vanderioifg@gmail.com

Resumo: O recente pensamento geográfico vem incorporando elementos epistemológicos tidos como não convencionais, ou com menor importância, pelo crivo funcionalista acadêmico, além de estabelecer, com maior solidez, diálogo com distintas áreas heterodoxas do pensamento como um todo. Essa aproximação pode ser notada com a introdução do debate hedonista nos estudos geográficos, como também, o maior impulso de pesquisas vinculadas ao anarquismo, ao feminismo, à autonomia, às minorias, aos gêneros, entre outros. Todavia, acredita-se que, no pensamento geográfico do passado, encontram-se elementos que dão subsídios reflexivos a estas recentes incorporações heterodoxas. Por exemplo, na geografia de Élisée Reclus, é possível pontuar fulgores de uma erótica solar vinculada ao seu hedonismo social libertário. Transcender essas barreiras que enquadram a geografia anarquista reclusiana a um prisma único está ligado a esse exercício de leitura aberta da obra deste geógrafo das liberdades. Este hedonismo geográfico do passado pode contribuir para as recentes manifestações deste tema no pensamento geográfico, incluindo novos elementos, principalmente de cunho ácrata, ou promovendo novas reflexões, amadurecendo o campo de estudo.

Palavras-chave: Hedonismo social. Geografia libertária. Élisée Reclus. Erótica solar.

Introdução

Nosso ideal comporta, portanto, para todo homem, a plena e absoluta liberdade de exprimir seu pensamento em todas as coisas, [...] sem outra reserva além daquele de seu respeito por outrem; ele comporta igualmente, para cada um, o direito de agir a seu bel-prazer, de 'fazer o que quiser', associando naturalmente sua vontade à dos outros homens em todas as obras coletivas: sua liberdade própria não se encontra absolutamente limitada por essa união, mas cresce, ao contrário, graças à força da vontade comum.

Élisée Reclus (2002, p. 75).

Na geografia a permeabilidade de uma argumentação explicitamente hedonista, diante do modelado rochoso do arcabouço teórico conceitual dominante, somente fez-se com maior fluidez muito recentemente, na primeira década do século XXI, no bojo dos estudos humanistas, culturais, pós-estruturais e pós-coloniais. Mesmo assim é importante considerar que, implicitamente, o hedonismo ou o eudemonismo, de alguma forma, estão presentes no passado dos estudos geográficos, cabendo investigar que estes se manifestam num passado muito mais distante do que se imagina e de forma mais perene do que se crê.

Por isso a necessidade de se partir do pensamento geográfico de Élisée Reclus, em virtude da fenda epistemológica libertária, inerente à sua geografia, dar possibilidades à entrada de luz com todos seus prolegômenos geográficos reflexivos voltados à autoconsciência, o equilíbrio, o bem-estar, a sociabilidade e a geograficidade. A partir dessa geografia ácrata dos prazeres solares é possível promover a reflexão hedonista na geografia de hoje, muito mais desligada dos encadeamentos ortodoxos das epistemes do passado, e agora imersa na tarefa de abrir margem para a discussão voltada ao controle do corpo e limitação das emoções e sensações que o espaço geográfico, conjuntamente à ação humana, proporciona através de sua diversidade sensorial.

Para o desenvolvimento dessa discussão hedonista social na geografia reclusiana será abordada, no primeiro momento, a possibilidade de aproximação entre geografia e o hedonismo; depois, o destaque se dá aos elementos hedonistas na geografia libertária de Reclus, fazendo breve passeio por sua obra, elencando exemplos e noções; e por final, é feita breve reflexão sobre a possibilidade aberta pelos recentes estudos geográficos vinculados ao hedonismo e com o retorno epistemológico não domesticado à geografia reclusiana, que salvaguardou a concepção de uma geografia hedonista social libertária, muito embora negligenciada, mas profundamente vinculada ao caráter erótico solar da análise espacial.

Hedonismo e geografia: uma aproximação possível?

O pensamento filosófico, de um modo geral, buscou ocultar ou mesmo descaracterizar o sentido do hedonismo enquanto reflexão teórica, dando a este lugar de menor destaque no curso de suas análises. Somente com Nietzsche (2008) que essa argumentação ganhará centralidade e força argumentativa, no acabamento genealógico que rompe com o dualismo cristão e integra a dimensão apolínica e dionísica nos mesmos patamares do pensamento, ensejando a superação dos valores ascéticos e a negação dos nihilismos pelo elogio da vontade de poder como instrumento hedonista.

Todavia, é preponderante salientar que, a reflexão hedonista não é algo recente e nem desprovida de volume explicativo. Michel Onfray, em inúmeros trabalhos e, especialmente, em sua *Contra História da Filosofia* (ONFRAY, 2008a), vem se esforçando em demonstrar que esta abordagem filosófica é tão antiga quanto às demais, recorrendo ao passado de filósofos como Leucipo, Demócrito, Antífon, Aristipo, Diógenes, Eudócio, Epicuro, Lucrécio, entre outros, suplantando a tradicional classificação de pré-socráticos, que inferioriza nomes contemporâneos da tradição socrático-platônica, mas também ele

elencam nomes que viveram o mesmo contexto aristotélico e à frente, até o fim da antiguidade, constituindo através desta amalgama hedonista as sabedorias antigas.

Em outro trabalho faz a recuperação de experiências teóricas hedonistas pós-antiguidade, já na chamada idade média se estendendo até o início da idade moderna, destacando o papel inovador presente no que denominou de o cristianismo hedonista, extraindo inúmeras riquezas escondidas pela superfície granítica da mentalidade dogmática cristã, personagens surpreendentes em quantidade e em força criativa, que resistiram à opressão religiosa e ao controle social e individual da época, podendo citar os casos de Basilides, Valentino, Carpócrates, Amauri de Bena, Quintin Thierry, Erasmo de Roterdã e Montaigne (ONFRAY, 2008b).

Do início da idade moderna e se delongando até quase seu final, Onfray (2009) elenca outras contribuições marcantes ao hedonismo no interior da reflexão filosófica, os libertinos barrocos. Neste agrupamento saltam aos olhos nomes que estavam soterrados pela sedimentação, lenta e gradual, promovida pela historiografia dominante absorpta ao modelo hedonista de pensamento, tido como perigoso aos projetos de reflexão mais ortodoxos. Anti-heróis do pensamento, para a crítica convencional, como La Mothe Le Vayer, Saint-Évremond, Pierre Gassendi e principalmente, Espinosa, são indivíduos, que junto com suas ideias, irão possibilitar as profundas transformações nascentes no século posterior, o século das luzes.

O hedonismo nessa fase irá expressar a abissal negação dos ideais pouco iluministas do projeto das Luzes conduzido por Descartes, Montesquieu, Rousseau, Voltaire, Kant etc. Colocados lado-a-do a estes grandes nomes do pensamento universal, Onfray (2012) evoca os ultras das Luzes como sendo figuras que levaram ao extremo a ruptura com os valores cristãos e com o idealismo, negando profundamente os princípios de autoridade e de controle do corpo, afirmando no seu lugar, a noção de uma sociedade baseada nos princípios do materialismo hedonista, laico e pós-cristão. O filósofo que recebe maior destaque é o padre Jean Meslier, criador do ateísmo, socialismo e anarquismo. Incrivelmente seu *Testament* passou quase que despercebido pelas radicalidades sociais frondosas do século XIX, justamente por nele está impressa a noção hedonista como cerne do debate filosófico, social, político e até mesmo geográfico, em virtude de fazer reflexão sobre a organização do espaço. Porém, outros nomes receberam destaque pelo veio genealógico de uma arqueologia dos subterrâneos, como La Mettrie, Maupertuis (este contribuiu bastante com estudos geográficos), Helvétius e D'Holbach.

No volume cinco de *Contra História da Filosofia*, intitulado de Eudemonismo Social, Onfray (2013) busca destacar as contribuições teóricas vinculadas à primeira

metade do século XIX. Nesta ocasião, ocorre a aproximação entre a teoria hedonista e a teoria social, estando ali o substrato da constituição hedonista social em Reclus, com geografia e pensamento político herdeiro das reflexões eudemonistas sociais amadurecidas no início do século XIX. As ideias hedonistas libertárias difundidas por William Godwin, Robert Owen, Flora Tristan, e principalmente, Chales Fourier e Mikhail Bakunin serão fontes caudalosas no curso impetuoso e cheio de meandros do pensamento geográfico anarquista reclusiano. Na opinião de Onfray (2013), estes homens e esta mulher terão como marca contributiva à época a estruturação do pensamento socialista, a denúncia às desigualdades e injustiças e a luta pela formação de uma sociedade autogestionária fora dos convencionais moldes ascéticos que os procederam na reflexão revolucionária.

E a segunda metade do século XIX terá como representantes do pensamento hedonista les radicalités existentielles, na sua *Contre-Histoire de la Philosophie* (ONFRAY, 2010b), volume seis, ainda sem tradução para o português. Nesta obra, surpreendentemente o autor resgata ou mesmo constrói o hedonismo presente em Arthur Schopenhauer, comumente reconhecido enquanto grande nome do pessimismo na filosofia, portanto, totalmente contrário ao ideal de felicidade, que está presente no pensamento schopenhaueriano através da obra pouco conhecida *A arte de ser feliz*. Nesta mesma obra, é evidenciado também o hedonismo libertário de Thoreau, através de sua *Desobediência Civil*, como também, sua perspectiva individualista e autonomista e sua reflexão acerca do equilíbrio e da natureza, que muito irá influenciar Reclus. Por sua vez, é abordado, com maior respeito e atenção, o hedonismo em Max Stirner e sua política da associação individualista ácrata, como também, são destacados os hedonismos em Lou Salomé e Jean-Marie Guyau, personagens marcantes e negligenciados pela historiografia tradicional.

Essa volumosa obra onfrayriana, além de dezenas de outros livros sobre o assunto, denota o quanto é rico, diverso e complexo a presença do hedonismo no pensamento filosófico. Longe da concepção estereotipada de que esta modalidade de pensamento é somente um discurso vazio sobre o prazer, a satisfação, a felicidade e o gozo, arraigada às sociedades de melhor poder aquisitivo, o filósofo libertário francês busca demonstrar fundamentos concretos no hedonismo, o colocando como principal modalidade combativa da mentalidade ideológica socrático-platônica, cristã-ascética e idealista-liberal que impera no pensamento ocidental.

Em obra em que inicia com caráter autobiográfico e que promove a revisão de sua própria produção intelectual sobre o tema, fazendo um balanço do alcance da cifra de quase trinta livros, em *A Potência de Existir*, Onfray (2010a, p. 28) busca esclarecer a diferença entre o hedonismo vulgar e o filosófico. Vai basear-se na máxima construída por

Chamfort o imperativo categórico desta perspectiva: frua e faça fruir, sem fazer mal nem a você nem a ninguém, eis toda a moral.

Com isso, tudo está dito: fruição de si, decerto, mas também e, sobretudo, fruição do outro, porque sem ela nenhuma ética é possível ou pensável, [...]. Num primeiro momento, desejo dar a esse termo [hedonismo] uma dignidade que ele não tem. Assim, tive muitas vezes de enfrentar discursos que assimilavam hedonismo a fascismo, hedonismo e nazismo, hedonismo e amoralismo [...]. Houve também, evidentemente, o mais fácil: hedonismo assimilado à fruição grosseira, trivial e contemporânea da defesa do consumidor liberal.

Mas o tipo de hedonismo que nos interessa no decurso deste trabalho é o hedonismo social, não desmerecendo as diversas outras acepções libertárias desta forma de pensar, em virtude de acreditar que o pensamento geográfico reclusiano porta muito mais elementos da abordagem social do que as demais, apesar de ser possível encontrá-las.

É importante considerar que o libertarismo solar reclusiano é marcado tanto pelo hedonismo quanto pelo eudemonismo social. Estas duas concepções são semelhantes, mas não iguais. Inclusive, aparecem oficialmente no pensamento filosófico como quase a mesma coisa, ora uma sobrepondo à outra, encontrada na obra pioneira acerca desta moral e ética, de Leucipo de Mileto (c. 460-370 a.C.), segundo aponta Onfray (2008a). O filósofo francês destaca que a ideia de hedonismo e de eudemonismo está presente no conhecimento muito antes dessa aparição explícita grega, seja no conhecimento egípcio, indiano, chinês ou persa. Entretanto, Leucipo evoca a alegria autêntica, que é uma ética tanto hedonista quanto eudemonista, mas dentro das precauções do emprego deste termo, explica Onfray (2008a, p. 45).

O hedonismo faz do prazer o soberano bem, aquilo a que se deve entender, o propósito capaz de federar a reflexão e a ação; o eudemonismo, por sua vez, afirma a necessidade de visar o bem-estar, a serenidade, a felicidade. Os dois termos existem e significam duas coisas distintas, sendo que o prazer e a felicidade não sobrepõem exatamente as mesmas situações, as mesmas emoções, o mesmo estado físico e psíquico.

Mas, Onfray (2008a, p. 47), esclarece que, em sua opinião, não consegue ver estes dois conceitos em mundos separados, e se forem colocados assim implica um grave erro. Os veem como maneiras de significar uma realidade idêntica. Para ele, o prazer pode proporcionar a felicidade; a felicidade não exclui o prazer. “O eudemonismo, então, possibilita o hedonismo – definido pela capacidade de desfrutar de si como um ser em paz consigo mesmo, com o mundo e com os outros.”

Esta concepção de uma alegria autêntica, nos moldes leucipianos, tida como a autoconsciência e a consciência de mundo e dos outros, como propósito da alma obtida na relação e na contemplação das coisas belas, está na base da geograficidade reclusiana, que

por sua vez, faz esse trajeto do gozo na relação homem/mulher-meio aquecido pela solaridade libertária, partindo da ética eudemonista, culminando na prática hedonista social. Como o hedonismo pode também ser compreendido enquanto o resultado da prática ou ação da ética eudemonista, o enfoque sobre a geografia reclusiana estará vinculado ao hedonismo, pois nesta volumosa obra o discurso geográfico sempre está voltado para o projeto de transformação futura da sociedade, a prática espacial da solaridade desejosa libertária.

Mas quando foi encontrada a primeira abordagem sobre o hedonismo social? Aparentemente pensa-se sobre esta filosofia do gozo e da felicidade sempre vinculada aos impulsos individuais, intersubjetivos e particulares. Porém, a modalidade social do hedonismo vem antes dos projetos dos falanstérios de Fourier, em que micro sociedades hedonistas de mulheres e homens aguerridos, possibilitaram criar enclaves e geografias políticas minúsculas, usando a expressão de Onfray (2013), práticas essas eminentemente hedonistas sociais. Anteriormente a essas experiências eróticas de organização espacial, no século XVIII, Meslier havia inventado o hedonismo social, essencialmente comunista e politicamente anarquista. “Meslier inventa e propõe um hedonismo social, dá ao projeto de júbilo, por tanto tempo individual – pensemos em Epicuro ou Montaigne -, uma dimensão coletiva. E isso, pela primeira vez na história” (ONFRAY, 2012, p. 54). E no que consiste este tipo de hedonismo do padre ateu?

O hedonismo social propõe a felicidade de todos e de cada um. Não uma felicidade ideal, mas muito real, concreta, pragmática: um trabalho que permite comer saudável e suficientemente todos os dias, morar e dormir numa casa limpa e aquecida [ou arejada, caso dos trópicos], comida, roupas, meios para uma educação para os filhos, a possibilidade de ser tratado em caso de doença (ONFRAY, 2012, p. 89).

Ele pensou a prática de seu projeto hedonismo social colocando a questão geográfica no centro das implicações das transformações, destacando as relações comunistas locais, articuladas em redes de relações de sociabilidades estendidas até a escala internacionalista, no sentido dado pelos anarquistas, com posicionamento político voltado ao engajamento insurgente do combate aos modelos de dominação.

Há um vínculo profundo, porém indireto e de difícil edificação no aglomerado arqueológico do saber, entre o pensamento teórico, político, social e, de certa forma, geográfico, de Meslier com Reclus. O geógrafo libertário dá provas de aproximação com as leituras hedonistas que se estendem de Lucrécio, e o conteúdo de sua *A natureza das coisas*; o apressado pela ética de Epicuro, através do marcante trabalho de Guyau, *La Morale d'Épicure*, escrito em 1878; o vínculo com a posição acerca da natureza e os povos tradicionais que dela se deleitam, presente em Montaigne; e o panteísmo hedonista e a

perspectiva geográfica barroca presente em Espinoza; além da forte leitura dos teóricos fundadores do socialismo originário, brotados na insubmissão revoltada de 1789, profundamente marcada pela sombra paradoxalmente reluzente do padre ateu e anarquista, que iluminou a parte libertária e marginal deste movimento.

Por outro lado, a geografia enquanto pensamento oficial sistematizado se aliou flagrantemente ao modelo idealista-liberal, de certa forma, científico-imperial de aplicação e desenvolvimento dos seus conhecimentos teóricos e empíricos, havendo muito pouco espaço para reflexões de cunho social, e o hedonismo só aparecia ligado ao caráter vulgar, tido como valor individualista da aristocracia e burguesia, favorecidos pelo ócio de observação da paisagem, caso dos gozos de contemplação da natureza, de Humboldt.

Mas isso não significa que não havia elementos hedonistas numa geografia engajada no momento de institucionalização do pensamento geográfico. Estes elementos estão presentes na geografia reclusiana, que, em virtude de seu esquecimento e negligência por parte da historiografia lablacheana e até mesmo marxista, conforme demonstram Lacoste (1988, 2005), Giblin (2005, 1976), Boino (2010), Pelletier (2011), entre outros, até mesmo o conteúdo menos heterodoxo foi abandonado ou muito pouco assimilado.

Recentemente, está havendo forte movimento de recuperação, de crítica, de interpretação e de debate acerca da geografia de *Élisée*, conforme demonstram Ferretti e Pelletier (2013), e seguindo esse novo percurso aberto, penso ser possível abrir intersecções, desvios rizomáticos, e linhas de fuga dessa importante, mas ainda de certa forma convencional, abordagem do pensamento geográfico libertário em Reclus. A intenção é valorizar essa retomada, mas também, sugerir novas implicações investigativas que tente extrapolar o domínio axiomático socioespacial de base marxista que subsidia a interpretação geográfica reclusiana, buscando encontrar pontos que desvinculam elementos de sua geografia socioambiental libertária desse bojo monológico pré-existente.

A dificuldade está justamente nesse ponto, ao modo que a geografia marxista passou de vanguarda contestadora ao modelo dominante do pensar geográfico, cumprindo importante papel de combate aos domínios funcionalistas do positivismo clássico e neopositivismo, mas que ocupou esse território imaterial do saber, usando a expressão de Fernandes (2013) e Saquet (2013), se portando, em certos momentos, enquanto nova ortodoxia dominante, principalmente quando age com o direito de inventário sobre recentes noções de caráter mais heterodoxo da reflexão geográfica.

Desse modo, a abordagem hedonista aparece para essa nova ortodoxia historiográfica como sendo antinômica ao projeto radical do materialismo histórico. Mas não é preciso olhar tão de perto para perceber que este hedonismo social libertário é profundamente materialista e geográfico, e está vinculado muito mais à imanência do sujeito-objeto no processo de transformação e de experiência do espaço do que comumente é reconhecido pela crítica, quando não são aceitas as desconstruções operadas recentemente. Na denúncia à desigualdade socioespacial está presente a luta contra os privilégios de classe que se favorecem da força de trabalho dos oprimidos e inviabilizam a satisfação (i)material e o gozo pessoal e coletivo destes últimos. Uma geografia engajada é fundamentalmente uma geografia social hedonista, conforme pode ser encontrada em Reclus.

O campo do pensamento geográfico que maior fez e faz aproximações com o paradigma hedonista é a geografia humanista. Dardel (1952), em seu *L'Homme et la Terre*, responsável pelo paradigma existencialista na geografia, apesar da historiografia ter fortemente negligenciado seu pensamento, sendo somente recuperado quarenta anos mais tarde por Besse (1990, 2009) e Pinchemel (1990), trouxe abertura de novas possibilidades epistemológicas ao vincular geografia a experiência existencial de mundo, valorizando a dimensão simbólica e material do vivido, sem dualidade, combatendo o funcionalismo estruturalista presente na leitura do espaço.

De forma desafiadora para os moldes da geografia da época, Dardel (1952, p. 20) enseja a elaboração de uma geografia substancialista, advinda de uma *intimité substantielle*, em que “il y a une expérience concrète et immédiate où nos éprouvons l'intimité matérielle de l'‘écorce terrestre’, un enracinement, une sorte de fondation de la réalité géographique”. Essa intimidade material, ligada ao enraizamento do ser humano com a terra será a base para sua mais importante contribuição ao paradigma fenomenológico-existencial: a geograficidade. Nela reside a noção do modo de ser da existência espacial, a experiência do geográfico como fundamento dos seres. Diante desta compreensão a geografia teve a possibilidade de abarcar o discurso em defesa da perspectiva mítica, heroica e a chamada geografia de *plein vent*, desvinculada das noções pejorativas da historiografia ortodoxa.

Como *L'Homme et la Terre* dá abertura paradigmática para a reflexão da experiência vivida na geografia, esta obra possibilita maior diálogo com o mundo do significado, do sentimento e da sensorialidade do sujeito com o meio, pela visão, audição, tato, olfato e paladar, pilares da geografia hedonista de caráter humanista. Tomando emprestando o neologismo *topofilia* de Bachelard (1993), obra de 1957, que dialoga também com Dardel, Yi-Fu Tuan (2012), em 1974, dará continuidade ao diálogo entre

hedonismo e geografia, apresentando esta obra primordial do humanismo no pensamento geográfico. Apesar de tratar explicitamente de todos os sentidos, menos do paladar, considerado por Onfray (1999b) o sentido mais discriminado por estar vinculado ao gosto e ao prazer do corpo, Tuan é pioneiro em tratar da percepção dos sentidos, aliado à teoria de Merleau-Ponty (1971). Reside na própria noção de topofilia o sentido de laço afetivo do ser humano com o meio ambiente, as considerações sobre saúde, sobre o selvagem pelo prisma de Thoreau, o percurso significativo do cosmo à paisagem, mas principalmente, a associação do sentimento com o lugar, onde

O meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas oferece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideias. Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo em que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época (TUAN, 2012, p. 161).

Com a obra Espaço e Lugar, Tuan (2013, p. 49) deu maior destaque à perspectiva da experiência, ocasião em que o hedonismo aparece de forma mais palpável, nas relações de experiências íntimas com os lugares, no universo da criança, no conhecimento vivido, e de forma inaugural, na reflexão sobre o corpo pelo viés geográfico, em que ele coloca “o homem, como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais. [...] O corpo é ‘corpo vivo’ e o espaço é um espaço constructo do ser humano.”

No Brasil, Eduardo Marandola Júnior e Lúcia Helena Gratão (2011), com o trabalho Sabor da, na e para Geografia, estão entre os pioneiros ao introduzirem o debate hedonista no domínio da geografia brasileira, com importante trabalho que vincula o prazer e os sentidos que o possibilita, dando ênfase ao sabor e ao gosto pelo viés geográfico, a relação entre percepção, significado e experiências existenciais, na fundação do paradigma hedonista na geografia, ou seja, de uma geografia do gosto e do prazer, conforme evidencia Marandola Jr. (2014), em emblemático trabalho intitulado Saberes dos Corpos Alimentados: Ensaio de Geografia Hedonista.

Em trabalho anterior, Sabor Enquanto Experiência Geográfica: Por uma Geografia Hedonista, Marandola Jr. (2012), já vinha constituindo o marco reflexivo de uma geografia do prazer. Gratão (2014), em seu Sabor e Paisagem – o que Revela o Pequi nesta Imbricação de Ser e Essência Cultural introduz elementos epistemológicos neste paradigma hedonista, realizando diálogo com as categorias, conceitos e a abordagem cultural da geografia, enlaçados pela experiência gustativa do pequi, esse saboroso fruto identitário da terra dos povos goyases em que nasci, fruto que é também de toda a região do cerrado. Seguindo este veio aberto nos vales da geografia hedonista dos sabores,

Virgínia Palhares (2014) evoca Uma Geografia Hedonista dos Saberes e dos Sabores, demonstrando a relação entre homem, a terra, o trabalho e a produção de saberes desejosos, criadores de alegria, luta, esperança e satisfação pelo sentido do gosto.

Outra abordagem também muito importante na aproximação entre o hedonismo e a geografia é a perspectiva pós-estruturalista, como também as dissidências geográficas, ligadas ao paradigma feminista, de gênero e Queer, este, tendo o desejo e o corpo como pontos de partida de suas análises. Os fundamentos teóricos dessas abordagens do corpo, do desejo e da sexualidade estão alicerçados no pensamento hedonista de Foucault, por exemplo, na sua História da Sexualidade, e em Deleuze e Guatarri, especialmente em Anti-Édipo e em Mil Platôs. Onfray (2002, 1999a, 1995), vai se basear diretamente nesses três nomes para produzir sua defesa ao hedonismo, merecendo destaque, para o caso específico desse trabalho, Teoría del Cuerpo Enamorado, A Arte de ter Prazer e Escultura de Si. Nestas obras, será encontrada a defesa de um materialismo hedonista, a procura de uma moral estética libertária e a fundação de uma erótica solar. Esta, vinculada a teoria de um corpo amoroso, corpo esse, solar, libertado da escuridão castradora, fundamento para uma análise espacial subversiva das sexualidades, dos gêneros e do etos.

Esta Teoría del cuerpo enamorado vale como declaración de guerra hecha a todas las formas tomadas por la pulsión de muerte en las relaciones sexuales. A guisa de medicina contra estas lógicas mortíferas, propone igualmente la celebración de una erótica cortés que reactive la feliz voluptuosidad de las libidos gozosas, contemporáneas de las ricas horas de despreocupación de las que la carne conserva una irreprimible memoria (ONFRAY, 2002, p. 34).

Uma geografia que já insere essa perspectiva eroticamente cortes e voluptuosamente desejosa, contra a pulsão de morte da opressão da carne e das vontades libertárias, está ligada ao paradigma pós-estruturalista, ao feminismo geográfico e às geografias queers. Como exemplo desses recentes trabalhos vale destacar a revista *Géographie et Culture*, número 83, organizado por Charlotte Prieur et Louis Dupont (2012), que neste número espacial, congrega trabalhos que se dedicam em empreender recente debate crítico às questões de gênero, incluindo a discussão sobre a dominação masculina, a masculinidade frente as composições mais heterodoxas vinculadas aos transgêneros e suas relações com as categorias espaciais. Merece ser destacado o trabalho de Nicolas Boivin (2012), neste número da revista, em que se dedica a investigar os *Territoires hédonistes du sexe: pour une géographie des subjectivations*.

Tomando como exemplo a geografia brasileira mais recente, estão aparecendo importantes trabalhos envolvidos com a perspectiva hedonista do corpo, do prazer e da sexualidade, ou mesmo a discussão que confronta as estruturas maquinicas de controle, subjugação, repressão, opressão e de autoridade dessas plataformas libertárias hedonistas.

Essa geografia dissidente, feminista ou de gênero, tem no Brasil o trabalho *Geografias Subversivas: discursos sobre espaço*, organizado por Joseli Maria da Silva (2009), e no mais recente, *Geografia Malditas: corpos, sexualidades e espaços*, organizado por Silva, Ornat, Chimin Jr. (2013), a reunião de importantes contribuições que aproximam da abordagem epistemológica do hedonismo, sendo sólida base de reflexão acerca dos prazeres, desejos, corpos e vontades.

Todas essas abordagens têm a motivação de discutirem a libertação do corpo dos cadafalsos canônicos da ideologia dominante, patriarcal, androcêntrica, e ao mesmo tempo, autoritária, capitalista, opressiva e desigual. E esses elementos encontram-se presentes na geografia anarquista de Reclus, seja de forma mais explícita ou implícita. O sentido não é recuperá-los, mas acionar a reflexão para se por em marcha essa geografia do futuro, subversiva e engajada, também dotada da solaridade erótica, negando o ressentimento e a culpa, semelhante ao que coloca Newman (2008) para o pós-anarquismo, no devir do paradigma espacial pós-cristão.

Portanto, existe forte vínculo entre o engajamento libertário – que sempre é indissociável da teoria hedonista solar –, com a perspectiva da corporeidade dos indivíduos e sua relação com o espaço, trazida pela geografia dissidente mais recente, diante da explosão epistemológica acionada em Maio de 68, que ainda vem ecoando sua onda de choque sísmico nesse século XXI do hipercontrole disciplinar.

O hedonismo social na geografia reclusiana

A dificuldade em abordar o hedonismo na obra geográfica de Reclus, até o momento, advém do posicionamento crítico historiográfico que, mormente, busca extrair de sua obra somente conteúdo relacionado ao teor político-territorial e socio-espacial do engajamento anarquista clássico ou do socialismo libertário. Por outro lado, nesta vasta obra existem elementos constitutivos de uma erótica solar libertária, que sustentam argumentação reflexiva do hedonismo social na geografia do presente.

Para essa análise acontecer é de suma importância desvincular, primeiramente, a teoria e prática libertária ou anarquista da perspectiva ressentida e do corpo sacrificado, que muito equivocadamente foi feita pela historiografia sob a sombra dominante do marxismo ortodoxo; justamente neste ponto é onde pode-se encontrar a maior distinção entre teoria e prática libertária da teoria marxista, em virtude da solaridade da primeira. Esta pode ser exemplificada através da ação operada pelos Zapatistas, em que vêm fazendo enquanto prática autogestionária de organização do território, onde, depois do

levante insurgente eles bailaram felizes por não terem mais senhores e patrões e conscientes do trabalho libertador à fazer diante do enorme oceano das possibilidades após o regime de opressão, conforme demonstra o Subcomandante Insurgente Marcos (2008). Num segundo momento, é necessário desvincular a análise epistemológica da geografia do posicionamento fechado e monológico do texto, semelhante ao que Umberto Eco (1971) defende nas artes, em que a análise do texto deve buscar a compreensão da obra aberta, no sentido que considere não somente a possibilidade de uma reflexão dominante do objeto artístico, mas diversas outras possíveis. O texto geográfico reclusiano pode passar por esta reflexão aberta, transdisciplinar e menos encadeada às estruturas de investigação dominante.

Uma leitura alternativa da obra reclusiana pode suscitar profunda ligação entre engajamento político anarquista e pensamento geográfico, que por sua vez, perpassa pela perspectiva do hedonismo social. Na base das teorias e das práticas libertárias dissidentes, mesmo nas clássicas, estão assentadas as dimensões solares, como também, na forma em que Reclus estabelece sua leitura de mundo e de ser humano na produção e reprodução do espaço, concebendo esta dimensão integrada entre sociedade e espaço, homem/mulher-meio, equilíbrio-liberdade-satisfação, transformação socioespacial e constituição autogestionária do território.

O hedonismo social na geografia de Reclus está assentado sobre a perspectiva da formação do território autônomo libertário, com prática social mutualista, organização econômica comunalista, com política anarquista. Esse território autogestionário está marcado pela articulação em rede de sociabilidade e de geograficidade ácrata da escala local à internacional, pelo prisma do federalismo e internacionalismo revolucionário. Esse discurso geográfico sob a episteme anarquista tem como premissa a satisfação dos indivíduos e da sociedade, conscientes da necessidade de negação das desigualdades, sofrimentos, exploração e dominações impostas, sinalizando o conjunto ético do hedonismo social.

Em curtos trabalhos como *La Grande Famille* encontra-se posicionamento ambientalista de Reclus (1897), que se estende até a defesa irrestrita dos animais, denunciando os excessos da dominação humana sobre os outros seres vivos, antecipando alertas sobre a extinção da vida animal e dos biomas, os impactos dos desmatamentos e da exploração predatória dos recursos naturais, posicionando como um ecologista ou geógrafo ambiental libertário em favor do equilíbrio mulher-homem-meio, na possibilidade de construir novas cognoscibilidades laicas pós-cristãs quanto aos valores de uma sociedade eticamente integrada a dimensão cósmica que lhe nutre.

Nesta perspectiva, Reclus foi também pioneiro em pensar uma geografia a favor da defesa dos animais, sendo assim árduo defensor do vegetarianismo, na qual, no escrito intitulado de *À Propos du Végétarisme* (RECLUS, 1901) ele vai defender uma profunda reforma alimentar, argumentando que não há sentido as sociedades basearem os regimes alimentares no sacrifício dos animais, modelo esse reprodutor de atitude perversa milenar e que garante uma reprodução arcaica e predatória do espaço. Com o vegetarianismo, defende Reclus (1901, p. 43), “nous tenons à les conserver soit comme compagnons de travail respectés, soit comme simples associés dans la joie de vivre et d'aimer”, porque, “la laideur dans les personnes, dans les actes, dans la vie, dans la nature ambiante, voilà l'ennemi par excellence. Devenons beaux nous mêmes et que notre vie soit belle!” (RECLUS, 1901, p. 45).

Entretanto, é possível encontrar na obra de Élisée trajeto que se estende do hedonismo intersubjetivo, do encantamento dos sujeitos com a natureza e a liberdade que esta germina na consciência humana, exemplo de *Voyage à la Sierra-Nevada de Sainte-Marthe* (RECLUS, 1861), como também, o projeto coletivo deste modelo de erótica espacial (especialmente suas três grandes obras). Em relação aos gozos de contemplação de seu grande mestre Humboldt, o geógrafo das liberdades vai introduzir a perspectiva de que não basta somente contemplar, é preciso embelezar essa natureza, cuidar, promover o equilíbrio e a felicidade desse deleite dos sujeitos com o meio. Ele é taxativo em repudiar o gozo individual em si, que como grande parte dos demais anarquistas, a satisfação deve ser individual e emanar até o coletivo, por isso seu hedonismo é sempre social.

Até mesmo em obras da juventude, marcada pelo cunho intimista, carregadas por linguagem metafórica, advindo de suas narrativas pessoais fruto das viagens que realizou fora do velho mundo, caso da já citada *Voyage*, são encontradas e perspectiva social dessa erótica do discurso espacial. Diante da monumental obra geográfica reclusiana pode-se destacar três grandes projetos de escrita: o ambiental, dotado do equilíbrio espacial; o político, vinculado à geopolítica das liberdades; e o social, que aborda a dimensão socioespacial ácrata. Esse trajeto epistemológico que se estende da noção ambiental, passando pela política, culminando na social é representado, concomitantemente, por suas três grandes obras: *La Terre*, *Nouvelle Géographie Universelle* e *L'Homme et la Terre*.

No esforço de síntese desse grandioso projeto de escrita congrega-se a dimensão socioambiental libertária em sua geografia, e que no caso das obras menores, estas se aproximam de cada grande projeto teórico vinculadas ao momento em que foram escritas. Por exemplo, em *Histoire d'un Ruisseau*, publicada originalmente em 1869, Reclus (1881) vai dotar-se da linguagem que recorre frequentemente ao vínculo hedonista, expressando-

se em defesa da alegria, da felicidade, da justiça, da união, da vontade, do desejo etc. Na página 166 e 167 ele nos descreve os prazeres proporcionados pelos banhos em rios, na liberdade da natureza.

Oui, la nature est belle, nous devons en comprendre tout le charme, mais savoir en jouir avec une joie discrète, ne jamais nous abandonner à ses fatals enchantements. Un des grands plaisirs du bain, plaisir dont on ne se rend point toujours compte, mais qui n'en est pas moins réel, c'est qu'on revient temporairement à la vie des ancêtres. (RECLUS, 1881, p. 166)

Relacionando este retorno à natureza, seu deleite com a satisfação da experiência corporal, imerso gratuitamente na liberdade espacial, como os povos indígenas faziam, o autor tenta demonstrar a ligação entre o prazer e as coisas simples, como os hedonistas das sabedorias antigas defendiam, comportamento educado na natureza pela liberdade de se lançar no geográfico. Mas o geógrafo libertário não se aliena em destacar somente o deleite erótico individual, demonstra, na página 207 e 208, seu posicionamento social quanto ao hedonismo. “Ainsi, tout n'est pas joie et bonheur sur les bords de ce ruisseau charmant où la vie pourrait être si douce, où il semble naturel que tous s'aiment et jouissent de l'existence” (RECLUS, 1881, p. 207). Quem põe fim ao equilíbrio dos sujeitos na sua relação com a terra, explica o autor, são as guerras sociais, as disputas territoriais e a concorrência mercadológica, mas que em sua opinião deve prevalecer o amor à justiça e igualdade.

Dans son amour de justice, l'humanité, que change incessamment, a déjà commencé son évolution vers un nouvel ordre de choses. En étudiant avec calme la marche de l'histoire, nous voyons l'idéal de chaque siècle devenir peu à peu la réalité du siècle suivant, nous voyons le rêve de l'utopiste prendre forme précise pour se faire la nécessité sociale et la volonté de tous (RECLUS, 1881, p. 208).

Já em *Histoire d'une Montagne*, obra semelhante à anterior em relação a seu caráter de pedagogia libertária da geografia, em que também ele elege um acidente geográfico para narrar o seu papel, agora a montanha, é possível encontrar também elementos hedonistas. Por exemplo, dentre muitas outras ocasiões, quando é abordada a riqueza que a natureza proporciona e sua mutação dinâmica como promotora de percepções distintas nos sujeitos. “Pressées de vivre et de jouir, les plantes se font plus belles; elles s'ornent de couleurs plus vives, car la saison de la joie sera courte; après l'été qui s'enfuit, la mort les surprendra (RECLUS, 1882). Coloca também que, o ser humano moderno urbano, que habita as grandes cidades com todos seus problemas, marcado pelo distanciamento da sabedoria e liberdade que a natureza proporciona, encontra-se triste antes de ir escalar a montanha, como também quando este tem que retornar para a urbe caótica.

No caso desta importante obra, no que tange a busca pelo hedonismo e uma erótica solar presente no indivíduo, pode-se estabelecer uma comparação do super-homem nietzschiano com o homem reclusiano, apesar de o geógrafo anarquista ter posicionamento profundamente contrário ao aristocratismo do filósofo alemão. Quase ao mesmo tempo em que Reclus leva seu homem para a montanha, Nietzsche leva o Zaratustra também para lá, mas de forma diferente. É importante destacar que, *Histoire d'une Montagne* foi publicada primeiramente em 1880, e *Assim Falou Zaratustra*, em 1883. Na obra de Reclus encontra-se profunda consideração sobre a forma geográfica da montanha, sua dinâmica, sua força, sua atuação enquanto provedora de geograficidade singular, ele mostra as formas de vida dessa configuração física, e ainda explicita como o homem inter-relaciona com suas leis, como ele se engrandece, se reencontra consigo mesmo, esculpe a si, para no final, retornar ao mundo da urbanidade.

De forma semelhante ao Zaratustra, o homem de Reclus também se encontrava triste e foi buscar na reclusão da montanha formas de reconciliar consigo mesmo, com a natureza e com o mundo, atrás de uma nova erótica, da solaridade libertária, almejando reconstruir sua consciência do eu-no-mundo, negando a hipocrisia de diversos valores morais, as mazelas e a dissolução que a sociedade embrutecida operava na autonomia do indivíduo de espírito livre. Ainda no plano da comparação com o Zaratustra, o homem de Reclus também retorna da montanha profundamente feliz e transformado, transvalorizado.

Em mesma obra, o geógrafo francês busca construir uma reflexão que não se restrinja somente ao gozo do indivíduo com o meio, que esteja para além do hedonismo individual, sendo ele muito importante, mas também que seja conduzido pela sensibilidade e experiência na natureza, em que esta relação erótica do corpo humano com o corpo espacial enseja a satisfação social. “Travaillons à rendre l’humanité heureuse, mais enseignons-lui en même temps à triompher de son propre bonheur par la vertu” (RECLUS, 1882, p. 297).

A natureza que liberta também é aquela que educa, e que mostra que o humano é a parte do todo e a pequenez deste, diante dos grandiosos fenômenos naturais, o coloca em uma situação de modelador, embelezador e perpetuador deste equilíbrio. A tentativa de Reclus (1869), agora em *La Terre*, era de construir uma geografia eminentemente libertária, hedonista, pós-cristã e laica, em que os prazeres de se deleitar com os fascínios e os benefícios da natureza fossem o ensinamento de uma vida direcionada ao hedonismo social libertário, emancipador das hostilidades geográficas e difusoras das potencialidades da natureza equalizadas à ação humana, que organiza e embeleza o espaço.

Tant que cet idéal ne sera autre chose que la mise en culture du sol, tout lui sera sacrifié, variété, originalité des espèces, beauté de la végétation; mais quand, au désir de faire produire des récoltes à la terre, se joindra celui de l'embellir et de lui donner toute la splendeur que l'art ajoute à la nature, quand l'agriculteur, enfin délivré de cette peur de la misère qui le persécute aujourd'hui, et possesseur du loisir, sans lequel il n'est qu'un esclave de la faim, pourra comme l'amateur jardinier, s'occuper de varier les espèces, de les grouper avec goût, d'en développer les formes élégantes ou grandioses, nul doute qu'il ne réussisse en effet à modifier le monde végétal suivant ses désirs et à lui donner, au lieu de l'ancienne originalité, une beauté nouvelle qui réponde à son sentiment de l'esthétique (RECLUS, 1869, p. 741).

Então, diante de toda capacidade humana de transformar predatoriamente a natureza urge o paradigma socioambiental da capacidade de embellir la terre, semelhante à defesa da moral estética de Onfray (1995), mas que no caso do geógrafo libertário essa estética imanente transcende o corpo do indivíduo e chega ao corpo do espaço. “L’homme qui aime vraiment la terre sait qu’il s’agit d’en conserver, d’en accroître même la beauté, de la lui rendre, quand une exploitation brutale l’a déjà fait disparaître” (RECLUS, 1869, p. 751). Ainda na mesma página, o autor destaca que é necessário o humano aprender a modelar a terra como artista, que dá a paisagem o charme, graça e beleza. “Devenu la conscience de la terre, l’homme assume par cela même une responsabilité dans l’harmonie et la beauté de la nature environnante” (RECLUS, 1869, p. 751). Todavia, “là où toute poésie a disparu du paysage, les imaginations s’éteignent, les esprits s’appauvrissent, la routine et la servilité s’emparent des âmes et les disposent à la torpeur et à la mort” (RECLUS, 1869, p. 747).

Esse novo paradigma baseado no materialismo hedonista solar, por estar vinculado à vida, beleza, contemplação, gozo e satisfação, e não à morte, dor, sofrimento, poder e opressão, inverte a compreensão civilizatória industrialista pela compreensão do equilíbrio e do embelezamento da natureza. Ao invés da posse completa dos recursos naturais pela exploração predatória, à valorização da beleza do equilíbrio do homem/mulher no espaço geográfico, libertado e autogestionário.

No caso da volumosa Nouvelle Géographie Universelle, com seus dezenove volumes, o destaque volta-se ao projeto de uma geografia política das liberdades, desvinculado do modelo arraigado à defesa de uma geografia dos Estados e da opressão imperial. Dessa forma, seu hedonismo social ganha dimensão mais ampla, chega à totalidade territorial e suas relações de poder e conflitualidade, voltado a todas as relações de produção e organização política do espaço pela sociedade. Seu foco metodológico baseia-se no resultado da interação entre La Terre et les Hommes, justamente o subtítulo da obra, em que esta, ou o espaço geográfico e seu casamento com as atuações socioculturais e políticas, estão vinculadas à busca desse materialismo hedonista social.

A denúncia ao poder e a opressão é constante, como pode ser notado no momento em que é analisada a opressão colonial das potências europeias. Todavia, internamente às nações imperiais, denuncia Reclus (1879, vol. IV), se desenvolvem também as mais severas divisões de classes e a imposição da sujeição social por grupos dominantes, reproduzindo profundas desigualdades, fundamento da negação hedonista social, em que somente alguns gozam, sobre a vontade e força de trabalho da maioria, e não fazem os outros gozarem, encadeados pelos mecanismos de exortação da liberdade e da felicidade.

Une misère hideuse pèse sur des millions d'Anglais; l'inégalité sociale, plus grande en Angleterre que dans tous les pays latins, a creusé un abîme entre le riche et le pauvre, entre le propriétaire foncier et le travailleur de terre, entre le maître et le serviteur, même entre l'élève noble et son camarade, le fils de bourgeois, et ne leur permet pas de se réjouir en commun; [...] La société se trouve distribuée en d'innombrables castes, essayant toutes d'abaisser les barrières qui les séparent des classes supérieures et de se barricader contre les inférieures. [...] Enfin, la réaction puritaine, qui consistait, non à macérer les corps, mais à rétrécir les esprits, à les priver des joies de l'étude libre et des voluptés de l'art, n'a point encore entièrement cessé (RECLUS, 1879, p. 369 – 370).

Com relação à *L'Homme et la Terre*, esse tratado de geografia social anarquista, a temática da liberdade é central, consequentemente o modelo de sociedade libertária está direcionada ao hedonismo. Quando Reclus (1905, vol. 1) vai analisar os adornos corporais dos povos ditos primitivos este elogia uma espécie de geografia tribal heroica hedonista, em que a busca do embelezamento do corpo e leva a caracterização pessoal subjetiva ao alcance da afirmação da individualidade ímpar de cada um. Esta perspectiva é típica das sociedades libertárias plenamente erotizadas, em que o corpo é a unidade primordial do sentido da existência, e que é preciso fazer admirar e admirar-se no jogo imanente com o espaço.

No capítulo V, do volume 1, *Familles, Classes et Peuplades*, logo na epígrafe nota-se o sentido libertário desta geografia social, balizado no equilíbrio geográfico, social, dos gêneros, entre outros, na qual “le point d'équilibre est la parfaite égalité de droits entre les individus.” Neste interessante capítulo é abordado a formação dos grupos familiares, a imposição do patriarcado sobre o matriarcado, a formação da propriedade privada e das classes sociais sobre os sistemas autonomistas comunitários, os regimes de poder monárquico e a servidão, as línguas, a escrita e os valores morais.

Mas os capítulos em que podem ser encontrados maiores elementos do traço hedonista na obra reclusiana são: capítulo I, do volume 3, *Les Chrétiens*; capítulo VI, do volume 4, *Communes*; capítulo X, do volume 6, *La Religion et la Science*; capítulo XI, do volume 6, *Éducation*; capítulo XII, e último, do volume 6, *Progrès*. Nestes capítulos encontram-se profunda crítica ao controle do corpo e do espírito operado pelos

monoteísmos, sobretudo o cristão, e pelos sistemas de poder econômico do capital e do Estado, principalmente na forma em que mutila a liberdade material, física, corporal e espiritual, principalmente da mulher, com a ideologia disciplinadora da moral cristã.

Quando é abordada a educação, capítulo já traduzido para o português e um dos mais importantes da obra em seu teor libertário, na página 60 é colocado que a fonte de qualquer doença na sociedade é a desigualdade social. Ela, segundo o autor, somente será superada com muito enfrentamento revolucionário, pois, se o indivíduo não encontra a felicidade ao se entregar ao trabalho livre de subjugação de outros homens, “se ele não tem o gozo tranquilo da liberdade na paz, que ele ao menos tenha a liberdade relativa que é encontrada no combate” (RECLUS, 2010, p. 72). Nas páginas finais do capítulo, o autor relaciona seu hedonismo ao falanstério de Fourier, nas quais elogia a busca da integração entre a arte e a ciência feliz e o bem-estar social.

Assim, temos o direito de esperar que, de todas as partes, a convergência faça-se rumo a um estado social no qual se compreenderá a união de todos os elementos da vida humana, divertimentos e estudos, artes e ciências, fruições do bem-estar material e do pensamento, progressos intelectuais e morais (RECLUS, 2010, p. 90).

E no capítulo conclusivo da obra em questão, Élisée vai buscar elaborar sua ideia acerca do progresso, longe daquele comumente relacionado ao industrialismo e tecnologia a qualquer custo sobre os recursos naturais e sobre apropriação do território, mas calcado na atitude de cultivar o jardim epicurista da liberdade e da autonomia no espaço. Tecendo as bases de seu hedonismo social, por uma perspectiva ampla, Reclus (2011, p. 69) diz:

A felicidade, tal como a compreendemos, não é uma simples fruição pessoal. É verdade que ela é individual no sentido que “cada um é o próprio artesão de sua felicidade”, mas não é verdadeira, profunda, completa se estendendo sobre a humanidade; [...] Não é tal ou qual estágio da existência pessoal e coletiva que constitui a felicidade, é a consciência de caminhar para um determinado objetivo, que queremos e criamos parcialmente por nossa vontade. Ordenar os continentes, os mares e a atmosfera que nos envolve, “cultivar nosso jardim” terrestre, distribuir novamente e regular as convivialidades para favorecer cada vida individual de planta, animal ou homem, adquirir definitivamente consciência de nossa humanidade solidária, fazendo do corpo com o próprio planeta, abranger com o olhar nossas origens, nosso presente, nosso objetivo próximo, nosso ideal distante, é nisso que consiste o progresso.

Nessa premissa hedonista social fica evidente o sentimento de solidariedade trazido pela geograficidade da convivialidade libertária e harmônica entre todos os seres, a consciência que integra nosso corpo ao corpo espacial, (i)material e do planeta, em que progredir é saber exaurir as vontades particulares e coletivas, pela experiência geográfica individual e social, na constituição erótica de jardins de felicidade solar.

Por uma erótica libertária solar no pensamento geográfico

Os elementos hedonistas presentes na geografia social reclusiana podem ser reconhecidos como impulsos de reflexão e amadurecimento a serem conduzidos na atual geografia libertária ou das dissidências, em que é preciso salientar o elemento erótico contido na corporeidade espacial e social, no enlace sujeito e natureza, pelo viés da consciência e autoconsciência do equilíbrio ácrata, trilhando as sendas aquecidas pelo gozo solar das liberdades autonomistas.

Encontrar ou evidenciar o caráter solar do materialismo geográfico é tarefa a ser realizada diante do paradigma hedonista social, olhando para a escrita de mundo reclusiana como motor erótico libertário de indagações e de novos caminhos discursivos do pensamento geográfico. Seu hedonismo está no passado, mas pode sancionar inquietações no presente e no futuro das experiências socioespaciais, cada vez mais tomadas pelo conformismo e supercontrole niilista.

Reavaliar o significado da natureza, do espaço e da sociedade, suas relações simbióticas de interação e de diferenciação pelo caráter erótico é o maior legado da obra de Reclus para a geografia engajada e heterodoxa de hoje, que se aproxima do paradigma do materialismo hedonista. Reorientar o curso linear aberto pelas ortodoxias epistemológicas, ou mesmo, tomar outra direção, padece de uma ruptura profunda com o modelo idealista-liberal-cristão impregnado e embutido até nas perspectivas mais radicais da geografia, que não conseguiram, infelizmente, levar até o nível mais extremo a negação dessa dominação social ascética da leitura espacial. Esta, de alguma forma, está vinculada ao culto do controle do corpo solar e à reprodução disciplinar, predominantemente, androcêntrica do espaço. Na compreensão de Onfray (2002, p. 38),

Una genealogía del deseo, una lógica del placer y una política de las disposiciones permiten reflexionar, de manera entrecruzada, sobre el papel de la falta, del ahorro y del instinto en la tradición idealista y renunciante, y luego sobre el exceso, el gasto y el contrato en la línea del materialismo hedonista.

Somente uma geografia pertencente ao continente dissidente, incluindo seus territórios subversivos anarquista, feminista, autonomista, de gênero, humanista, pós-colonial e pós-estrutural, poderia promover a aproximação do materialismo erótico solar com o pensamento geográfico. Na geografia social hedonista de Reclus podem ser encontrados esses elementos subversivos dissidentes que constroem as novas ortodoxias que ainda se mantêm nas regiões imateriais do pensamento geográfico contemporâneo.

Nesta geografia do passado pode conter o arquivo discursivo que liga o paradigma hedonista humanista (vinculado à experiência espacial), em que se debruça sobre os temas da experiência vivida, do gosto e da satisfação alimentar; com o paradigma hedonista anarquista ou libertário (vinculado à liberdade espacial), em que se dedica ao tema da libertação e dominação social no bojo da interação espacial; ao paradigma hedonista pós-estrutural (vinculado ao corpo espacial), em que se aprofunda na reflexão acerca da sujeição do eros aos instrumentos de controle no processo de interação socioespacial.

A partir da herança geográfica de Reclus é possível construir uma reflexão do discurso erótico libertário no pensamento geográfico, equalizado à natureza hedonista inerente ao anarquismo, que o geógrafo francês o coloca como episteme de sua forma de compreender a reflexão espacial. O anarquismo se posicionou como combatente conjunto de ideias ao marxismo mais ortodoxo, dentre inúmeros fatores, por sua defesa ao materialismo hedonista de caráter solar. Igualmente, Reclus vai introduzir na sua geografia libertária modelo reflexivo contrário à geografia de base imperial, justificada pelas academias dominantes, em que se posicionavam de forma oposta à sua defesa do equilíbrio sociedade-natureza, da liberdade e da organização territorial autogestionária, enlaçada pelo vínculo da satisfação e encantamento com a experiência vivida simples no espaço.

Para que isso ocorra, é preciso (re)encantar-se pela riqueza poética do espaço geográfico, dar margem às pulsões desejosas do olhar e reflexão geográficos, liberar o fluxo apaixonado do saber pensar o espaço, para saber nele combater e gozar, aludindo a Lacoste (1988), pois, “toda relação com o outro é mediatizada por uma paixão e não se pode escapar, na hipótese de uma nova moral, de uma patética singular”, diz Onfray (1995, p. 143). “É chegada à hora de pôr fim à barbárie que consiste em erradicar pura e simplesmente as paixões de onde elas se encontram para esvaziar o homem de sua substância e transformá-lo em cadáver antes do tempo” (ONFRAY, 1995, p. 143). Então, dessa forma, nesta reflexão materialista do hedonismo social, pelo prisma geográfico, toda a relação da sociedade com o espaço deve ser mediatizada pela paixão solar.

Se “a possibilidade de uma filosofia do corpo é recente, embora o hedonismo nunca tenha deixado de percorrer, como energias subterrâneas, a história das ideias”, conforme destaca Onfray (1999a, p. 2013), a materialização efetiva de uma geografia do corpo espacial solar, em que parta da experiência e das sensações do corpo no espaço, é ainda um projeto mais prematuro frente às barreiras epistemológicas já bem sedimentadas.

Novamente Onfray (2006), agora em seu curto, mais rico e belo *Théorie du Voyage*, buscou abrir trilhas nessa densa vegetação do corpo espacial, evocando uma *poétique de la géographie*, através da figura do viajante grafando a imensidão dessas

geografias significativas, em que aspira sua géographie particulière. Essa dimensão complexa, instável e dinâmica da compreensão geográfica particular, traço comum presente na geografia reclusiana, parte do corpo e do desejo e culmina no espaço poético da experiência e da sensibilidade, nas paixões que o olhar geográfico libertário, sobre o signo de Reclus, pode fornecer.

Para Onfray (2006, p. 114), “une poétique de la geografia génère une esthétique matérialiste et dynamique, une philosophie des forces et des flux, des formes e des mouvements.” Estes elementos já são usuais fundamentos no interior da geografia, mas para que se tornem novos instrumentos de uma geografia hedonista é preciso refletir acerca dessa poética geográfica integrada ao conhecimento social hedonista. “Une poétique de la géographie suppose cet art de se laisser imbiber par le paysage, puis une volonté de le comprendre, d’en voir les agencements, avant le départ vers les contrées ludiques où le poète suit le géographe et le philosophe, en complément, non en ennemi (ONFRAY, 2006, p. 119).

Considerações finais

Decifrar poeticamente o mundo, como quis Reclus, passa a ter novo impulso reflexivo na problemática espacial contemporânea. Mas, do mesmo modo com que a historiografia da época negligenciou o posicionamento erótico reclusiano, ainda hoje restou a outros campos fora da geografia fazer essa aproximação com as paisagens desejosas. E este trabalho buscou indagar justamente essa questão: porque a geografia está sempre atrasada ou reservada a se interessar por esses temas mais heterodoxos, deixando às outras áreas entrarem, pelo mimetismo de fronteira, no seu campo de estudo?

Olhar para Reclus e identificar que este já buscava, de alguma uma forma, a promoção do hedonismo social geográfico, leva a pensar acerca da necessidade de se romper com essas epistemes dominantes, tributárias da historiografia ortodoxa, na intensão de mudar o curso deste tipo de abordagem retardatária que prevalece neste saber, voltado às relações de diferenciação entre os lugares e os seres humanos. Não é mais cabível essa reflexão epistemológica lenta e insegura, justamente por aportar em confortáveis domínios universais explicativos, de certa forma ela é uma abordagem endurecida e corporativa.

Não basta também, somente, encontrar elementos de uma erótica solar no saber geográfico, pois ela sempre esteve aí. É preciso mergulhar nessa vastidão intempestiva, instável e voluptuosa do saber e da prática espacial libertária hedonista, para além do

discurso sobre o gosto alimentar, mas que chegue aos parâmetros engajados do corpo solar, dos prazeres na criação de geografias autonomistas, na ruptura com a produção social do espaço da dor, da morte e do conformismo.

Nessa recente linguagem está o ímpeto de relacionar a forma do espaço, suas funções e inter-relações, com a forma do corpo, com o dispendioso, mas libertador processo de escultura de si, a partir das experiências geográficas, com a arte de gozar e de fazer o outro ter prazer, pelo prisma solar do hedonismo social. Que seja então solidamente edificada uma geografia libertária, eroticamente solar, laica pós-cristã, engajada na transformação do espaço e que seja, sobretudo, construtora dos espaços da felicidade.

Social hedonism in the geography of Élisée Reclus: elements to think about a solar libertarian erotic

Abstract The recent geographic thought is incorporating epistemological elements taken as unconventional or with less importance for academic functionalist riddle, as well as establish, with greater-strength, dialogue with diferente áreas of the heterodox thought as a whole. This approach can be noticed with the introduction of the hedonistic debate in the geographical studies, but also the greatest amount of research related to anarchism, feminism, autonomy minorities, genders, among others. However, it is believed that in the geographical thought of the past, there are elements that give reflexive subsidies to these recente heterodox reflexion. For example, in the geography of Élisée Reclus, it can high light flares of a solar erotic linked to his libertarian social hedonism. To transcend the barriers that limit the anarchist geography of Reclus to a single prism is attached to this exercise of open reading of the work of this geographer of freedoms. This geographical hedonism of the past can contribute to recente manifestation of this theme in the geographical thought, including new elements, mainly of anarchist nature, or promoting new thinking, maturing the field of study.

Keywords: Social hedonism. Libertarian geography. Élisée Reclus. Solar erotic.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BESSE, J.-M. Géographie et existence d'après l'oeuvre d'Eric Dardel. In.: DARDEL, E. **L'homme et la terre**. Paris: CTHS, 1990.
- BESSE, J.-M. Remarques sur la géographicité. In.: DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. (Dir.) **Historicités**. Paris: La Découverte, 2009.
- BOINO, P. O pensamento geográfico de Élisée Reclus. In.: RECLUS, E. **Da ação humana na geografia física. Geografia comparada no espaço e no tempo**. São Paulo: Imaginário. Expressão e Arte, 2010, p. 9 - 39.

BOIVIN, N. Territoires hédonistes du sexe. Pour une géographie des subjectivations. **Géographie et Cultures**. N° 83, Les espaces des masculinités, 2012, p. 87 – 100.

DARDEL, E. **L'homme et la terre**. Nature de la réalité géographique. Paris: PUF, 1952.

ECO, U. **A obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

FERNANDES, B. M. **Construindo um estilo de pensamento na questão agrária: o debate paradigmático e o conhecimento geográfico**. Vol. 1 - 2. Tese (livre-docência). Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2013, 344 f.

FERRETTI, F.; PELLETIER, P. “Indígenas do universo”: espaço, dominação e práticas de libertação social na obra dos geógrafos anarquistas Élisée Reclus, Piotr Kropotkin e Léon Metchnikoff. **Revista Território Autônomo**, n° 2, Outono de 2013, p. 5 - 16.

GIBLIN, B. Élisée Reclus: géographie, anarchisme. **Hérodote**. Stratégie, géographies, idéologies. N° 2, 2° trimestre. Paris: La Découverte, 1976, p. 30 – 51.

GIBLIN, B. Élisée Reclus: un géographe d'exception. **Hérodote**. n°. 117, 2° trimestre. Paris: La Découverte, 2005, p. 11 – 28.

GRATÃO, L. H. B. Sabor e paisagem – o que revela o pequi nesta imbricação de ser e essência cultural. **Geograficidade**. V. 4, Número Especial, Outono 2014, p. 4 – 15.

GRATÃO, L. H. B.; MARANDOLA, Jr., E. Sabor da, na e para geografia. **Geosul**. Florianópolis, v. 26, n.51, jan./jun. 2011, p. 59 – 74.

LACOSTE, Y. **A geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papyrus, 1988.

LACOSTE, Y. Élisée Reclus, une très large conception de la géographicit  et une bienveillante géopolitique. **Hérodote**. n°. 117, 2° trimestre. Paris: La Découverte, 2005, p. 29 – 52.

MARANDOLA Jr., E. Saberes dos corpos alimentados: ensaio de geografia hedonista. **Geograficidade**. V.4, Número Especial, Outono 2014, p. 16 – 24.

MARANDOLA Jr., E. Sabor enquanto experiência geográfica: por uma geografia hedonista. **Geograficidade**. V. 2, n. 1, Verão 2012, p. 42 – 52.

MARCOS, Subcomandante Insurgente (EZLN). **Nem o centro e nem a periferia**. Sobre cores, calendários e geografias. Porto Alegre: Deriva, 2008.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

NEWMAN, S. Anarquismo e a política do ressentimento. **Verve**, 14, 2008, 145-178.

NIETZSCHE, F. **A vontade de poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

ONFRAY, M. **A arte de ter prazer**. Por um materialismo hedonista. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

ONFRAY, M. **A potência de existir**. Manifesto hedonista. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

ONFRAY, M. **A razão gulosa: filosofia do gosto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999b.

ONFRAY, M. **Contra-história da filosofia**. As sabedorias antigas. Vol. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

ONFRAY, M. **Contra-história da filosofia**. Eudemonismo social. Vol. 5. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

- ONFRAY, M. **Contra-história da filosofia**. Libertinos barrocos. Vol. 3. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- ONFRAY, M. **Contra-história da filosofia**. O cristianismo hedonista. Vol. 2. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- ONFRAY, M. **Contra-história da filosofia**. Os ultras das luzes. Vol. 4. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ONFRAY, M. **Contre-histoire de la philosophie**. Les radicalités existentielles. Vol. 6. Paris: Livre de Poche, 2010b.
- ONFRAY, M. **Escultura de si**. A moral estética. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- ONFRAY, M. **Théorie du Voyage**. Poétique de la géographie. Paris: Le Livre de Poche, 2006.
- PALHARES, V. de L. Uma geografia hedonista dos saberes e dos sabores. **Geograficidade**. V. 4, Número Especial, Outono 2014, p. 25 – 35.
- PELLETIER, P. Élisée Reclus, théorie géographique et théorie anarchiste. **Colóquio Internacional: Élisée Reclus e a geografia do novo mundo**. 6 a 10 de dezembro de 2011. Laboratório de Geografia Política. Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo: USP, 2011b.
- PINCHEMEL, P. Biographie. In.: DARDEL, E. **L’homme et la terre**. Nature de la réalité géographique. Paris: CTHS, 1990, p. 177 – 181.
- PRIEUR, C.; DUPONT, L. Introduction: les masculinités dans tous leurs espaces. **Géographie et Cultures**. N° 83, Les espaces des masculinités, 2012, p. 5 – 8.
- RECLUS, É. **A evolução, a revolução e o ideal anarquista**. São Paulo: Imaginário, 2002.
- RECLUS, É. À propos du végétarisme. **La Réforme Alimentaire**. Groupe de Végétariens: Société Végétariennes de France et de Belgique. Vol. V, n° 3, mars 1901, p. 37 – 45.
- RECLUS, É. **Histoire d’un ruisseau**. Paris: Bibliothèque d’éducation et de récréation, 1881.
- RECLUS, É. **Histoire d’une montagne**. Paris: Bibliothèque d’éducation et de récréation, 1882.
- RECLUS, É. **L’homme et la terre**. 6 Tomes. Paris: Librairie Universelle, 1905.
- RECLUS, É. La grande famille. **Le Magazine International**. Janv. 1897, p. 8 – 12.
- RECLUS, É. **La terre**. Description des phénomènes de la vie du globe. Tome 2. L’Océan, L’Atmosphère, La vie. Paris: Hachette, 1869.
- RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle**. La terre et les hommes. Tome 4. L’Europe du Nord-Ouest. Paris: Hachette, 1879.
- RECLUS, É. **O homem e a terra**. Educação. São Paulo: Imaginário. Expressão e Arte, 2010.
- RECLUS, É. **O homem e a terra**. Progresso. São Paulo: Imaginário. Expressão e Arte, 2011.
- RECLUS, É. **Voyage à la Sierra-Nevada de Sainte-Martha**. Paysages de la nature tropicale. Paris: Hachette, 1861.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. 3ª ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

SILVA, J. M. (Org.). **Geografias subversivas**. Discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN Jr., A. B. (Orgs.). **Geografias malditas**. Corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2013.

TUAN, Y.-F. **Espaço e lugar**. A perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Y.-F. **Topofilia**. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

SOBRE O AUTOR

José Vandério Cirqueira - Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), mestre em geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em geografia pela Universidade Estadual Paulista e Professor do Instituto Federal de Goiás, Campus Formosa – Desenvolve pesquisas na área de Geografia Regional, Geografia do Brasil, Geografia Humana, Geografia Urbana, História do Pensamento Geográfico e Epistemologia da Geografia, dando ênfase às correntes teóricas relacionadas ao anarquismo, pós-estruturalismo e pós-colonialismo.

Recebido para avaliação em outubro de 2015

Aprovado para publicação em novembro de 2015